

INTERCOM 2002

XXV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO  
COMUNICAÇÃO PARA A CIDADANIA

Salvador, 1 a 5 de setembro de 2002

NÚCLEO DE PESQUISA: FOLKCOMUNICAÇÃO

### Outros sistemas de comunicação não verbal

Prof. Dra. Betania Maciel (UFRPE)

#### **Resumo**

A comunicação não verbal tem sido um tema de interesse muito freqüente deste sempre, mas não precisamente para a comunidade científica. Como esclarece F. Davis, escultores e pintores sempre se preocuparam em captar, devido a sua expressividade, gestos e posturas, os autores reconhecem a importância da mímica, seja acompanhada ou não da palavra; os escritores fazem esforços para descrever os gestos de seus personagens, conscientes de que existe um código compartilhado com os leitores para interpretá-los corretamente. É somente a partir deste século, que a comunicação não verbal despertou o interesse de cientistas e psicólogos, antropólogos, lingüistas, comunicólogos, no começo do século XX, começaram então a pesquisar sobre a comunicação verbal, sobre tudo no que tange ao conhecimento da expressividade corporal.

**Palavras chave:** *Comunicação, rituais, gestualidades.*

## **Introdução**

A comunicação não verbal tem sido um tema de interesse muito freqüente deste sempre, mas não precisamente para a comunidade científica. Como esclarece F. Davis, escultores e pintores sempre se preocuparam em captar, devido a sua expressividade, gestos e posturas, os autores reconhecem a importância da mímica, seja acompanhada ou não da palavra; os escritores fazem esforços para descrever os gestos de seus personagens, conscientes de que existe um código compartilhado com os leitores para interpretá-los corretamente. É somente a partir deste século, que a comunicação não verbal despertou o interesse de cientistas e psicólogos, antropólogos, lingüistas, comunicólogos, no começo do século XX, começaram então a pesquisar sobre a comunicação verbal, sobre tudo no que tange ao conhecimento da expressividade corporal, neste sentido afirmava Edward Sapir “Respondemos aos gestos com especial vivacidade poder-se-ia dizer até que conforme um código que não está escrito em nenhuma parte, que ninguém conhece, todos compreendemos e podem às vezes até responder”.

Devemo-nos situarmos, obviamente, na segunda metade deste século, para podermos vislumbrar uma vasta visão panorâmica bibliográfica que estuda aspectos da comunicação não verbal e darmos conta da complexidade e também de certa falta de esclarecimento desta parcela do conhecimento. Paradoxalmente, alguns pesquisadores concentraram seu interesse na gestualidade, parcela importante da comunicação não verbal, desprezando a palavra falada. As palavras podem muito bem ser o que emprega o homem quando falta outro tipo de expressão.

## **Comunicação não verbal**

O primeiro problema que nos deparamos ao estudar a comunicação não verbal é que este término é totalmente inadequado; em efeito, o rótulo comunicação não verbal se configura como uma espécie de expressão onde se cabe introduzir todas aquelas linguagens que permitam a comunicação humana e animal, e cuja única característica comum é o de não pertencer à comunicação verbal. Sob esse ponto de vista incluem-se linguagens e comportamentos numerosos e, além do mais, distâncias, imagens, cheiros, danças, rituais,

folgedos, vestimentas, sinais de fumaça..., em fim, qualquer outro fenômeno não lingüístico que possa ser utilizado em um intercâmbio comunicativo.

Apesar da maior parte dos autores que se dedicaram em pesquisar este campo da comunicação denunciaram sistematicamente a inadequação do título, não se colocaram de acordo em nomear um término alternativo que alcançasse certo êxito. Alguns pesquisadores propuseram inclusive apagar a dicotomia verbal – não verbal, toda vez que entendem que na comunicação as palavras têm somente uma relevância indireta; Ray Birdwhistell estima que não mais de 35 por cento do significado social de qualquer conversação corresponde a palavra falada; é por isso que se têm que entender a verbalidade como um membro a mais, igual que o gesto, o espaço, etc..., de uma classe comum e única, que é a comunicação. “Para mim – afirma Birdwhistell – falar de comunicação não verbal tem tanto sentido como falar de fisiologia não cardíaca”, enfrentada, se entende, a fisiologia cardíaca.”

São duas as razões fundamentais, ao nosso ver, que fazem que nenhuma outra denominação alternativa a comunicação não verbal tenha obtido êxito por um lado, o caráter empírico da maior parte das pesquisas nesse campo, que, centrando-se em um objeto mais específico: a moda, a gestualidade, a comunicação tátil, etc..., não se pode pensar no título ao contrário. A pesquisa em comunicação não verbal, normalmente reforça o enunciado negativo que ela postula.

Por outro lado à comunicação não verbal é devedora da comunicação verbal. O que explica muito de seus problemas. Ao proceder negando a verbalidade, pressupõe-se que toda conduta interativa em que intervém as linguagens naturais é um objeto próprio da comunicação não verbal; a partir do ponto de vista epistemológico é freqüente, que a comunicação não verbal se estude a partir de paradigmas lingüísticos.

Este ponto nos remete invariavelmente a diferente concepção que Saussure e Barthes defendem sobre a localização do estudo dos signos não lingüísticos. A interpretação dos códigos muitas

vezes inclui obstáculos à comunicação. A falta de entendimento das mensagens tanto pode causar um mal entendido e outras vezes não levam ao entendimento, deixando muitas impressões de que algo deixou de ser registrado. As barreiras estão relacionadas diretamente como o receptor recebe a mensagem, não sabendo distingui-la. Como que, nem todos os fracassos de comunicação acarretam um mal-entendido específico. Muitos não conduzem a nenhum entendimento, senão apenas a uma confusa impressão de que alguma coisa deixou de ser registrada.

Em outras ocasiões, reduz-se a eficiência na rapidez ou precisão com que a informação é assimilada.

No Curso de Linguística geral F. de Saussure afirma: “A língua é uma instituição social, mas se diferenciam por muitas características das outras instituições políticas, jurídicas, etc.... A língua é um sistema de signos que expressam idéias, e por isso é comparável com a escrita, ao alfabeto dos surdo-mudos, aos rituais simbólicos, as formas de cortesia, aos sinais militares, etc..., e é a mais importante de todos esses sistemas citados, pois a língua quando é escrita e registrada é o ponto mais importante para identificar uma cultura. Pode-se portanto conceber uma ciência que estude a vida social dos signos no seio da vida social. Tal ciência faria parte da psicologia social e conseqüentemente da psicologia geral”, a comunicação não verbal não depende da verbal para seus estudos.

Os estudos de folkcomunicação abrangem os postulados psicológicos e semióticos quando estudamos um ritual de uma cultura específico. Em qualquer cultura existem práticas de comunicação que procuram dar significação aos seus usuários e também explicam mudanças sofridas no tempo e no espaço. Através de várias matrizes teóricas se consegue entender melhor os mitos e rituais, como também detectar as suas implicações dentro do sistema de crenças compartilhado pelo povo objeto de estudo. O conhecimento do sistema de crenças levou-nos a descobrir e entender as bases (razões) culturais da aceitação ou rejeição de novas informações e ensinamentos.

Utilizando como fonte o pensamento de Lévi-Strauss, proveniente de argumentos tomados no campo da teoria geral da informação, sugere que *“o mito não é apenas um conto de fadas: ele contém uma mensagem”*. O autor reconhece que a atuação de quem está enviando a mensagem não é muito clara, mas é óbvio quem está recebendo-a.

Um dos elementos destacados pelo autor é que os neófitos da sociedade, ouvintes das informações passadas nos rituais pela primeira vez, estão sendo doutrinados pelos portadores da tradição que foi transmitida por seus ancestrais. A mensagem pretendida pelos portadores da tradição no grupo consiste em perpetuar a cultura, os modos de comportamento e organização social. A tradição é passada pelas informações do cotidiano praticadas e transmitidas entre os elementos da comunidade.

O citado autor esclarece o processo comunicacional vivenciado pelo mito e a comunidade da seguinte forma: classifica os ancestrais (A) de “emissores” e a geração atual (B) de “receptores”.

Primeiramente, imagina que a mensagem enviada por A a B esteja quase fora do alcance auditivo e que a comunicação é difícil por sofrer interferência de várias espécies. Sendo necessário passar a mensagem de várias outras formas gestuais, claro que sendo elaborada várias vezes, com certeza terá várias interpretações.

O autor destaca: *na extremidade receptora é muito provável que B capte de uma forma ligeiramente errada o significado de cada uma das mensagens mas, quando as reunir, todas as redundâncias deixarão perfeitamente claro o que está sendo “realmente” repassado*. As formas gestuais, embutidas nos rituais é que vão determinar o comportamento do grupo.

Turner (1974, p. 19), a propósito de rituais: “Os rituais revelam os valores no seu nível mais profundo. Os homens expressam no ritual aquilo que os toca mais intensamente e, sendo a forma de expressão convencional e obrigatória, os valores do grupo é que são revelados. O estudo dos ritos é a chave para compreender-se a constituição essencial das sociedades humanas”. Pois através de suas danças e de seus gestos eles passam para as novas gerações sua forma de manter a cultura de seu povo.

Revelando seus valores nas práticas rituais a comunidade pode afirmar sua etnia, mantendo o grupo coeso. É nas representações ritualísticas que um grupo se apresenta.

Leach (1978) diagnostica a relação das pessoas que participam da cerimônia admitindo que : *“os participantes de um ritual estão trocando experiências comunicativas, simultaneamente. Através de vários canais sensoriais diferentes, eles estão representando uma seqüência ordenada de fatos metafóricos dentro de um espaço territorial que foi, ele próprio, organizado para fornecer um conteúdo metafórico à execução”*. Acrescenta, a seguir, *“que as dimensões, musicais, coreográficas e visual-estéticas parecem, todas elas, formar componentes da mensagem total. Quando fazemos parte ao mesmo tempo e as condensamos numa única experiência, que descrevemos como 'assistir a um casamento' ou 'assistir a um funeral', e daí por diante.”* O analista deve tomar, porém, cada dimensão isoladamente, uma de cada vez, e daí torna-se quase impossível fazer um relato realmente convincente de como as diferentes dimensões superpostas se ajustam para produzir uma única mensagem combinada.

No desenvolvimento do ritual, os papéis são definidos, Strauss caracteriza o processo comunicacional basicamente entre o emissor (ancestrais) e receptor (geração atual), Leach denomina os agentes do processo comunicacional como executantes e receptores, não os separando, afirma que existe uma platéia separada, executores-receptores são as mesmas pessoas. Participam dos rituais a fim de transmitir mensagens coletivas a si próprios.

Leach (1978, p. 55): “Nas práticas rituais comuns culturalmente definidas, não existe um 'compositor', além dos ancestrais mitológicos. Os procedimentos seguem um padrão ordenado estabelecido pela tradição – ‘este é o nosso costume’. Existe geralmente, um ‘maestro’, um mestre de cerimônias, um padre principal, um protagonista central cujas ações dão o marco temporal para todos os outros”.

O autor compara os procedimentos de um ritual em nossa civilização como um ato em que o ator desempenha o papel de emissor e a platéia sendo receptora. Nas sociedades ditas primitivas, a comunicação no ritual é elaborada de forma horizontal, todos desempenham o papel de emissor das mensagens e receptores, caracterizando como mensagem coletiva.

Nessa linha de pensamento Leach (1978, p. 8) complementa que : “a cultura comunica; a interconexão complexa de fatos culturais transmite, ela própria, informações àqueles que participam desses fatos”. Mesmo sendo esta de forma não verbal. Este é o aspecto mais importante, pois o que se comunica é a cultura, a religião considerando que a língua escrita e a verbal não fazem parte destes rituais.

A partir de procedimentos sistemáticos podemos decodificar as mensagens contidas nas complexidades que se observam. O detalhe é a própria essência.

Baseado na tese de Leach (1978) podemos apresentar o ritual como uma representação mítico-religiosa que perpassa as mensagens aos integrantes do grupo, advindas de seus desejos e frustrações e anseios, integrando a comunidade.

Analisamos esta visão interior, os modos como eles sentem seu próprio ritual e o que pensam a respeito dele, produzindo benefício psicológico, simbolicamente representado nos ritos. Esta análise sobre o ritual não aborda apenas os efeitos psicológicos, como diz Almeida, (1957, p.25): “além das determinantes sociais da função do rito, estuda a coreografia, a indumentária,

os instrumentos musicais, os implementos da dança, fatores todos cuja análise não é psicológica, sem falar das ilações histórico-geográficas, sempre presentes à nossa observação”.

Destacando o papel dos mitos com base nas observações de Malinowski (1948, p.38):

“O mito é uma espécie de evangelho primitivo, exalta e codifica as crenças, preserva e legitima a moralidade, garante a eficiência do ritual e contém regras práticas para educar o homem. Resulta assim num ingrediente vital da civilização humana; não é uma explicação intelectual ou uma fantasia artística, senão uma carta pragmática de fé e sabedoria moral”.

Segundo Victor Turner, “ritual é o comportamento formal a ser cumprido durante ocasiões não determinadas pela rotina tecnológica, e que se relaciona com crenças em poderes e seres místicos”.(1967, p.19).

O estudo dos rituais possibilita uma melhor compreensão dos significados culturais relevantes para o processo de uma análise dinâmica. Por outro lado, a descoberta das funções específicas, desempenhadas pelo ritual dentro da sociedade em estudo, ajuda a entender melhor as mudanças. Ao estudar os rituais, deve-se ter em mente uma indagação básica: quais as suas funções ou propósitos dentro da sociedade que os pratica?

Através da prática de rituais, inúmeras sociedades crêem alcançar benefícios relacionados com problemas, seja de ordem física, seja de ordem psíquica. Estes rituais podem estar relacionados a questões de caráter biológico, como a fertilidade, como também relacionados com perigos físicos e espirituais.

Os ritos de passagem encerram indícios da ordem social de uma comunidade e seu estudo permite entender melhor como o indivíduo, membro de uma sociedade, é apoiado em tempo de

crise. É preciso levar em conta, no entanto, que o apoio em tempos de crises está interligado aos processos de socialização, à experiência pessoal do indivíduo e ao histórico de sua vida e da sua família. A coletânea dos fatos relacionados com a família e a vida de alguns indivíduos de uma dada sociedade, narrados cronologicamente, fornece as informações necessárias para a montagem da própria história daquele povo, como um todo. A comparação da interpretação das experiências passadas com as experiências atuais observadas, mostrarão as mudanças havidas naquela cultura, podendo informar, inclusive, fatos relacionados com este processo.

A descoberta dos processos de socialização utilizados por uma cultura, vai informar a respeito das normas de comportamento, cultivadas pelos seus membros, bem como a maneira que estas normas são aplicadas e comunicadas entre seus seguidores.

Os ritos de passagem mais importantes são: o nascimento, a puberdade, o casamento, a morte. Lembramos, Van Gennep, citado por Mair. Disse ele: “Um ser humano não se torna membro de sua sociedade apenas por ter nascido; ele tem de ser formalmente aceito nela, o que é feito dando-se publicamente um nome ao infante, ou apresentando-o aos parentes dos pais. O acesso à idade adulta social é marcado por ritual, assim como o casamento e a morte. Todas essas mudanças, como conclui, ‘podem ser interpretadas’ - não apenas passagens, porém mais ‘propriamente, passagens através de’”. (Mair, 1965, p. 220).

Cada rito de passagem está estreitamente relacionado com a transição de um status social para um outro, dentro da sociedade onde é realizado. Considerar todos os ritos de passagem como sendo um todo, encontraremos nisto um esboço, elementar da estrutura social daquela comunidade. Potencialmente, esta passagem é perigosa. Muitas vezes causa prejuízos às pessoas que lhe estão sendo submetidas. É algo assim como uma prova que a pessoa deve passar para ser aceita como portadora de um outro “status”. Na passagem de um “status” para outro é sempre enfatizado o estágio liminar (liminaridade), ou seja, aquele entre o final do

estado antecedente e o início do conseqüente. Durante a liminaridade, a pessoa começa seu processo de transição em um estado e termina em outro.

As pessoas que estão passando pelo estágio liminar têm poucas, ou mesmo nenhuma das características do estado atual, ou posterior. Estas pessoas são chamadas neófitas, ou seja, iniciantes.

Turner (1969, p.117) “As entidades liminares, como os neófitos nos ritos de iniciação ou de puberdade, podem ser representadas como se nada possuíssem. Podem estar disfarçadas de monstros, usar apenas uma tira de pano como vestimenta ou aparecer simplesmente nuas, para demonstrar que, como seres liminares, não possuem status, propriedade, insígnias, roupa mundana indicativa de classe ou papel social, posição em um sistema de parentesco, em suma, nada que os possa distinguir de seus colegas neófitos, ou em processo de iniciação. Seu comportamento é normalmente passivo e humilde. Devem, implicitamente, obedecer aos instrutores e aceitar as punições arbitrárias, sem queixa. É como se fossem reduzidos ou oprimidos até uma condição uniforme, para serem modeladas de novo e dotadas de outros poderes, para se capacitarem a enfrentar sua nova situação de vida”.

Com relação ao símbolo, Turner (1969, p.19) cita: “Símbolo é tudo aquilo que através de qualidades análogas de associações reais ou figurativas é considerado pelo consenso geral como sendo a tipificação, representação e evocação naturais de algo”.

Ele considera como símbolos: objetos, atividades, relacionamentos, acontecimentos, gestos, unidades de espaço, encontrados dentro do contexto do ritual.

De todas as formas, a conclusão mais importante do presente trabalho pode ser que não se possa julgar a priori de uma forma simplista, mas vamos considerar a comunicação não verbal como uma forma universal de interação entre culturas e grupos sociais. Os mitos e rituais ocupam tão extensamente a natureza imaginativa e emocional dos que participam que desta forma passam informações e comunicam aos que estão dispostos a compreender e interagir. Estes rituais sagrados hoje transformados muitas vezes em folguedos populares são praticados em várias partes do mundo. Muito ainda se têm encontrado registros entre indígenas da Polinésia e também no continente australiano.

Podemos apreciar nas manifestações rituais não somente os seus aspectos artísticos, a sua finalidade diversional, mas temos obrigação de procurar entendê-las como a linguagem de um povo, a expressão do seu pensamento e do seu sentimento tantas vezes discordantes e mesmo até opostos ao pensamento e ao sentimento das classes oficiais. A forma como se processa a informação, transmutada em rituais muitas vezes através de símbolos, indumentárias e expressão corporal está embutida toda uma cultura de um povo. Qualquer grupo étnico tem suas formas peculiares de expressar sua cultura e a religião e os rituais são as formas mais primitivas dessa comunicação, porque independe da linguagem verbal.

## **Bibliografia**

- ALMEIDA, Renato. Inteligência do Folclore. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1957.
- BELTRÃO, L. Comunicação e folclore: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação, de fatos e expressão de idéias. São Paulo: Melhoramentos, 1971.
- \_\_\_\_\_. Comunicação popular e religião no Brasil. In: Melo, José Marques de (coord.). Comunicação/incomunicação no Brasil. São Paulo: Loyola, 1976.
- \_\_\_\_\_. Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados. São Paulo, 1982.
- BENJAMIN, R. Comunicação rural. In: Silva, Roberto P. Queiroz e (coord.). Temas básicos em comunicação. São Paulo: Paulinas, 1983.

- \_\_\_\_\_ Folkcomunicação: os veículos de manifestação da cultura popular. In: MELO, j. marques de. (coord.) Comunicação/incomunicação no Brasil. São Paulo: Loyola, 1976.
- LEACH, E. Cultura e comunicação: a lógica pela qual os símbolos estão ligados. Rio de Janeiro:Tempo brasileiro, 1978.
- LÉVI-STRAUSS, C. Antropologia cultural. Antropologia cultural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.
- \_\_\_\_\_ Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro:Tempo Brasileiro, 1976.
- MALINOVSKI, B. Una Teoria Científica de la Cultura y Otros Ensayos. Buenos Aires:Sudamericana, 1948.
- TURNER, V. W. O processo ritual: estrutura e anti-estrutura. Petrópolis:Vozes, 1974.